

O LIVRO

NOSSO

DE CADA

DIA

DIA
MUNDIAL
DO LIVRO
2025

José

Saramago

O LIVRO
NOSSO
DE CADA
DIA

José
Saramago

Tradução do espanhol por
Sara Ludovico



S LIVROS SÃO CAROS. CONTUDO, PODERÁ TAMBÉM dizer-se que os livros não são caros. Poderá dizer-se que a única coisa cara no mundo são os livros. Tudo o resto é baratíssimo. Os sapatos são baratos, as vivendas são baratas, os batons são muito baratos. É tudo barato. Tão-somente os livros são caros. Aqueles que criticam são normalmente aqueles que não leem.

E mais, encontram nesta suposta razão um argumento para dizerem que não leem. Pois sim, os livros são caros. Mas a verdade é que tudo é caro. E por que motivo têm os pobres livros de sofrer todos os dias com a ladainha de que são caros? A verdade é que os livros não nascem, não caem do céu como a chuva. Fazem-se. São compostos por papel, por tinta, pela sensibilidade do seu autor, pela competência técnica do tipógrafo – sim, é mesmo assim o seu nome –, precisam de um distribuidor, de uma livraria. E todos eles têm de ganhar o seu salário. Neste processo consecutivo, parece que todos têm de ganhar muito bem, menos aqueles que em primeiro lugar fazem os livros, ou seja, os autores. Esses não. Os autores deveriam viver como missionários do livro: sem comer, sem casa, sem caprichos, e assim os livros seriam mais baratos. Pois bem, se os livros têm de ser baratos e não o são, o que faremos agora?

Vamos acabar de uma vez por todas com esta história, mesmo que seja uma história muito real, de que o livro é caro. A verdade é que quem diz que o livro é caro não diz que um carro é caro. Se uma pessoa não tem dinheiro para comprar um carro, vai ao banco pedir um empréstimo. Da mesma forma, não se diz que o bilhete de entrada para um concerto *rock* é caro. O livro custa o que custa. Talvez pudesse

ser um pouco mais barato. Talvez os distribuidores pudessem dizer: «Vamos ganhar um pouco menos, vamos racionalizar a distribuição, vamos fazer todos os possíveis para que o livro seja mais barato.» Inclusive, poderiam dizer: «E, em vez de fazermos uma tiragem de três ou quatro mil exemplares, porque não fazermos uma de trinta ou cinquenta mil exemplares?» Quanto mais forem os exemplares, tanto mais baratos serão. No fim de contas, quem fixa o preço são os leitores. O editor tem o seu armazém, os livros entram e os livros saem, porém, poderá chegar um momento em que os livros entram, mas não saem. E, como qualquer outra empresa, a indústria editorial tem de ter rentabilidade. O destinatário deste negócio é o leitor, são os leitores. Onde estão os leitores? Serão muitos? Serão poucos? Serão suficientes?

Vou agora expor-vos uma teoria que tenho acerca da leitura que não é muito popular, inclusive poderia até dizer-se que não é politicamente correta. E esta é que a leitura não é obrigatória. Ler não é obrigatório. Posso perguntar o seguinte a um rapaz: «Olha lá, e tu, porque não lês? Não gostas de ler?» E ele poderá responder: «Não, não gosto.» E eu dir-lhe-ei: «Não te dás conta daquilo que estás a perder?» Mas imaginemos que este rapaz é um mergulhador e que contrapõe: «E o senhor, não se dá conta daquilo que está a perder por não mergulhar?» E tem razão. Quer isto dizer que não devemos ler? Não, não quero dizer isto. O que quero dizer é que não vale a pena inventar desculpas, explicações para algo que é muito claro desde que existe o livro. A leitura não é nenhuma obrigação. A leitura é uma devoção, é uma paixão, é um amor.

Quando um leitor não tem meios para comprar um livro, onde pode ir? A uma biblioteca. Com os livros acontece algo que não acontece com os carros. Quando se quer ter um carro, tem de se comprar um, mas sempre que se quer ler um livro não há necessidade de

o comprar, e por isso a desculpa de que os livros são caros não serve. Claro, é preciso ir a uma biblioteca, é preciso ter tempo suficiente disponível para ir à biblioteca. Mas isso pode remediar-se. Não é preciso ir à biblioteca todos os dias. Porventura, uma vez por semana, de duas em duas semanas, uma pessoa desloca-se até lá e leva para casa os livros que quiser. Portanto, quem quer ler, lê.

Existem ainda os alfarrabistas, onde se podem comprar livros extraordinários em troca de pouco dinheiro. Pelo menos metade dos meus livros foram comprados em alfarrabistas. Recomendo que experimentem o prazer que dá entrar numa destas livrarias, sentir o cheiro dos livros antigos, do papel amarelo, da poeira do tempo. E descobrir aquilo que procurávamos há anos e anos: Um livro esgotado do século XIX ou do século XVIII, um autor que é apenas uma mania nossa, que queremos e desejamos e que por fim encontramos. Inclusive, num livro novo o cheiro é uma alegria relacionada com a sensualidade, com a sensibilidade do leitor.

Será que se está a fazer tudo o que se pode para promover a leitura? Isso é outro assunto. O problema começa com a escola. Detenhamo-nos agora na reflexão de umas tantas questões. A escola ensina a amar o livro? É bastante duvidoso. A escola ensina a compreender o que está nos livros? Creio que não. O problema da massificação do ensino criou inúmeras dificuldades, acrescidas à tarefa já em si mesma complicada de ensinar. Porém, não é acerca da massificação do ensino que eu quero falar, mas antes da evidência de que o livro existe e o leitor também. Como se poderão aproximar um do outro? Eu acredito que a escola tem uma importância fundamental, é necessário que os professores saibam valorizar o livro. Mas não apenas o livro para ensinar matemática, geografia ou história. Há outros livros. Façamos aqui um parêntesis: quando falamos de livros não nos podemos esquecer de que há alguns que merecem ser lidos e outros

que talvez não. Poderá dar-se o caso de estarmos a falar de livros que não são aqueles que mais gostaríamos que fossem mais lidos. Qual é o livro que merece ser lido e qual é aquele que não o merece? Esta é uma questão que não tem resposta. Cada um de nós recorre ao que mais lhe agrada, e cada um de nós estabelece o seu próprio critério, que se irá modificando conforme a evolução, a sua formação, isto no caso de dedicar tempo e esforço a esta atividade, que é também uma atividade criadora. E é precisamente isto que me faz duvidar das bem-intencionadas campanhas de promoção do livro. Acho que se gasta demasiado dinheiro e esforço, aqui e em todo o mundo, em atuações duvidosamente eficazes. Gostaria de saber quais foram os resultados concretos de qualquer uma dessas campanhas de promoção da leitura. Suspeito – e inquieta-me muito pensá-lo – que, no fundo, o que conta é a campanha em si, é fazer a campanha. Importa menos o resultado. O leitor sempre pertenceu a uma minoria. Nós, os que lemos, somos uma minoria. Que essa minoria se deva alargar, maravilhoso. Para isso, há que criar uma consciência de leitor. E isso pode fazer-se de formas distintas.

Porque é que os leitores de um livro que se conhecem e vivem mais ou menos próximos uns dos outros não se reúnem para falar desse livro depois de o terem lido? Porque é que a leitura tem sempre de ser uma atividade solitária? Porque não haver um intercâmbio entre leitores e livros? Porque não falar de um livro que acabou de sair ou de um livro que faz parte da nossa cultura e da nossa educação sentimental? Isto seria realmente fomentar a leitura no próprio leitor, em vez de cair na ambição, porventura desmedida, de pôr toda a gente a ler. Pode transformar-se a leitura em algo diferente de um prazer solitário, que também é, e em primeira instância. Não proponho um sistema coletivista, mas sim a ação dinâmica que pressupõe o intercâmbio de ideias ou opiniões sobre o livro. Porque o livro é algo mais do que um

objeto que se arruma na prateleira para não mais se regressar a ele, o livro é uma plataforma de comunicação entre pessoas. Assim sendo, pergunto-me porque é que as livrarias que têm espaços à disposição, não organizam encontros de leitores? Não é necessária a presença de escritores, ou talvez sim, se ali estiverem por perto e se os puderem convidar: «Olhe, não se importa de conversar com alguns leitores?» Mas não é fundamental. O mais importante seria que os leitores, que são clientes de uma livraria, se reunissem para conversar. Um livro não deve ser algo que nos cause vergonha; entrar numa livraria e comprar um livro deverá ser um ato normal. Creio que se podem encontrar fórmulas atrativas para tornar o livro, esse objeto e esse continente, numa plataforma de comunicação entre o eu e o outro.

É verdade que entre os leitores acontece algo mágico – e não voltarei a usar o plural leitores, mas sim leitor, porque cada leitor é diferente, porque ninguém é plural. No espírito de um menino ou de uma menina nasce de imediato e naturalmente o gosto de ler. E não se sabe porquê. Ninguém poderá saber porquê. Pode nascer no seio de uma família que não sabe ler. Pode não ter em casa um único livro. E, mesmo assim, gostar de ler. Onde está o segredo desse menino ou dessa menina? O que pretendo dizer é que há pessoas para cada livro. Mesmo antes de conhecer o conteúdo de um determinado livro, esse livro é já importante para determinadas pessoas.

Esta é, na minha opinião, a pergunta: o que é o livro? É um lugar onde vamos encontrar, sobretudo, uma sensibilidade. Vamos encontrar uma visão da vida, uma perceção do que é o nosso destino – viver –, da nossa relação com os outros, a explicação de um sentimento, o enunciado de uma teoria que passa pela sensibilidade e pela formação do autor e que será recebido de forma diferente por cada leitor. Vamos encontrar isto e muito mais. Contrariamente ao que se pensa, a primeira leitura de um livro não o esgota. Um dos equívocos mais graves em

que podemos incorrer é dizer: «Já o li, agora já está.» Mas como, como é que já está? Como é que já o leu? É a mesma coisa que entrar numa casa, passar de uma divisão para outra, sair logo pela porta fora e dizer «Já conheço esta casa.» Não, é preciso viver nela, é preciso pelo menos passar mais tempo dentro do seu espaço para descobrir nela todos os detalhes que lhe conferem a sua singularidade. Um livro é igual a uma casa, nova a cada olhar, um livro é um continente. No Corão promete-se aos crentes que quando chegarem ao Paraíso se vão encontrar com as *huris*. Essas mulheres serão para sempre virgens, porque a magia do Paraíso faz com que caso percam a virgindade a recuperem imediatamente. Isto significa que o crente no Paraíso de Alá encontrará sempre virgens... Pois bem, sirva esta piada para dizer que o livro, depois de lido, é algo que se reorganiza, que se reconstitui, que recupera aquilo a que podemos chamar a virgindade da palavra. E o mais extraordinário de tudo isto é que cada vez que voltamos ao livro encontramos-lo intacto, oferecido a uma nova leitura, ou melhor, a um novo descobrimento, como se fosse um continente. Porque se pode entrar por um lado ou por outro, prosseguir mais depressa ou mais devagar. Podemos percorrê-lo de várias formas, pode avançar-se de deserto em deserto, de lago em lago, de rio em rio. Tudo isto é o descobrimento possível de um livro. Um livro nunca se esgota. Nem mesmo o pior dos livros se esgota. E as palavras que por vezes usamos mal, as que dizemos sem nos darmos conta do que elas são, do que elas dizem, do que elas falam, no livro, estão sempre à nossa espera. Esperam pela leitura, por um olhar, esperam que as decifremos, esperam sobretudo que as digamos. A palavra não é palavra enquanto não se pronuncia. A palavra que está escrita é uma sombra. Contudo, quando a dizemos é uma sombra que se levanta, que se faz presente e que põem diante de nós. A mais insignificante das palavras, a palavra que parece não contar para nada, a de todos os dias, é como um pequeno tesouro. E, como consequência,

o livro é o lugar mais rico que existe, mesmo que saibamos que não se pode pagar a conta dos restaurantes com um livro. É impensável que eu diga «Veja, caro senhor, não tenho dinheiro, mas, se não se importar, tenho aqui um livro que lhe vou oferecer com a minha dedicatória» e que este me responda «Não há problema! Amanhã pode voltar e jantar aqui outra vez!»

Piadas à parte, pensemos agora na matéria que os livros encerram. Todos nós e cada um de nós, de que podemos falar mais e melhor senão de nós próprios? Há pouco falei de um menino e de uma menina que viviam numa casa humilde onde não havia livros... Já sabem. Pois bem, isso aconteceu comigo. Na minha casa não havia livros. A minha mãe era analfabeta e analfabeta foi até ao dia em que morreu. O meu pai, pelo contrário, sabia ler e escrever qualquer coisa, mas, na minha família, os meus tios, os meus avós, toda a gente era analfabeta. E se não havia livros em minha casa, como comecei eu a ler? Livros meus, comprados com o meu dinheiro – ou nem sequer isto, porque mo emprestaram –, tive-os aos dezoito anos. Mas atenção que não sou excecional. Sou um caso entre milhares. Pessoas com curiosidade intelectual, crianças, jovens para quem o livro é uma atração, que não sabem o que existe lá dentro, mas intuem que este está ali como uma proposta, como um convite: «Conhece-me! Conhece-me! Tenho muito para te dar.» E se um livro não nos der nada, outro com certeza dará. Sem qualquer dúvida.

Há um momento que é verdadeiramente extraordinário na leitura: quando a interrompemos. Quando alguém está a ler o livro com as folhas abertas, mas de repente tira os olhos do livro e olha para a frente. A leitura suspende-se, algo aconteceu, algo mágico: é como se a leitura quisesse transportar o leitor para outro universo. É então que o leitor, ao tirar os olhos da página, está a olhar para si mesmo. Isto é o que se dá na relação entre o leitor e o livro, é o estado de graça

que propicia a leitura.

É claro que não pretendo idealizar o ato de ler, mas a verdade é que é a vida que nos impele para a leitura, lemos porque vivemos, de certa forma vivemos porque lemos. No fundo, tal como o mundo necessita de que o vivamos em todos os seus acontecimentos, também a leitura requer ser vivida. Ou melhor, viver-se a si mesmo, viver com a plena consciência daquilo que se tem, que não é, claramente, riqueza ou fortuna pessoal. Refiro-me, sim, ao mundo, à terra, a tudo aquilo que não nos pertence e que, ainda assim, é nosso porque vivemos. Entendam-me: viver não é sobreviver como quem sofre uma pena. Esta participação pode e deve ser um ato de amor, tal como a leitura. E é por esta razão que afirmo que, em primeiro lugar, é preciso despertar o amor pela leitura, o amor por esse gesto tão natural que é segurar um livro entre as mãos. Contudo, não se pode impor a toda a gente a leitura como se fosse uma obrigação. Não o é.

O livro desperta o pensamento. O pensar. Ativa o que temos dentro desta caixa mais ou menos redonda que temos sobre os ombros, esta coisa esbranquiçada, feia, horrorosa, chamada cérebro. Muitas vezes me descubro assombrado pela ideia de que temos *isto* dentro da cabeça. Mas *isto* é aquilo que pensa, *isto* é aquilo que escreve, *isto* é aquilo que pinta, *isto* é o lugar onde nascem as palavras, *isto* é onde está a dor e o prazer. Toda a criação artística nasce, cria-se, inventa-se neste lugar que não sabemos muito bem como funciona. Não nos damos conta da sua presença nem da sua importância para sermos, não um grande escritor ou um grande cientista, mas para sermos muito simplesmente a pessoa normal e trivial que cada um de nós é.

As expressões mais completas do pensamento humano encontram-se nos livros. Há pessoas a quem o livro não lhes interessa nada. A estas pessoas dir-lhes-ia: «De acordo, que lhes corra bem a vida.» Mas, para outras, o livro é algo que não pode ser substituído. E há até quem

diga que não se pode viver sem ler, o que certamente não é verdadeiro. Até mesmo os grandes leitores podem passar alguns dias sem um livro, porque a leitura não é um vício, é um ato livre e voluntário, que nasce no cérebro, que toca o coração. Somos livres de fazer e de não fazer, somos livres de estar e de não estar. E somos livres de querer ler e de não querer ler. O livro não é o único lugar onde se aprende, onde se conhece, onde uma pessoa se pode reconhecer a si mesma. Apesar disto, o livro está aí e foi o livro que nos convocou esta tarde.

No caminho até aqui, debaixo de chuva, alguém me perguntou como me sinto depois de ter recebido o prémio Nobel e a única resposta possível parece um pouco disparatada e até mesmo grosseira: «É verdade, deram-me o prémio Nobel, e então?» O prémio foi muito bom. Chegou, mas a vida continua. E a vida de um escritor continua. Aquilo que irá escrever depois já não terá que ver com o prémio. Não lhe irão dar outro Nobel, mas ele continuará a escrever. Da mesma forma, o leitor continuará a ler. Mas o trabalho do leitor não é apenas ler o que vão escrevendo os autores contemporâneos, mas também ler aquilo que outrora se escreveu, como, por exemplo, o *Dom Quixote*. E por isso, aqui entre nós, quase secretamente vos pergunto: «Quantos de vós leram o *Dom Quixote completo*?» Creio que não serão muitos. Por vezes, quase é necessário partir uma perna para ficar em casa e poder ler *Dom Quixote* ou *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust. São obras imensas no tamanho, e também imensas no conteúdo e no valor.

Quero ainda referir-me, mesmo que de passagem, a esse novo modo de ler que é o livro eletrónico. A leitura no ecrã do computador, se é que a tal se pode chamar leitura, é, na minha opinião, como fazer amor sem ter alguém junto de nós. O que parece um pouco complicado. Por vezes digo que tão-só sobre a página de um livro se pode chorar, porque em cima de um ecrã de computador não se

pode chorar. Em primeiro lugar, pela posição e, em segundo lugar, porque na página do livro permanece o vestígio da lágrima. O livro é um bem que pertence à nossa história sentimental e que nos serve para chorar, para rir, para pensar.

Voltemos agora à Feira do Livro de Granada, às feiras do livro em geral. Montar uma barraquinha, dispor os livros e esperar que passem pessoas não é suficiente. É preciso fazer mais. Porque vivemos anos muito complicados e é preciso sermos inteligentes, contra-atacar, usar a imaginação. Nos suplementos culturais dos jornais, até há pouco tempo, a literatura aparecia em primeiro lugar. A seguir, vinham a música, as artes plásticas, etc. Mas sempre que se abria um suplemento cultural a primeira secção que se encontrava era a da literatura. E onde está a literatura agora? No fim. Parece que não nos damos conta, mas isto significa uma espécie de degradação na importância que outorgam à literatura os redatores e os editores dos jornais. Depende fundamentalmente de nós que a literatura não se perca, que chegue às pessoas, que se encontre com elas na celebração que é a leitura. Dizia no início que os leitores se podiam reunir nas respetivas livrarias. Digo agora que as feiras do livro deveriam ser dinâmicas. Espanha é o país onde, proporcionalmente, mais se publica na Europa. Em todas as partes do mundo se diz que não há leitores, mas creio que há uma falha nesta convicção, pois para que é que se editam tantos livros se não há leitores? Alguém deveria responder-nos a esta pergunta. Seja como for, tudo indica que os próximos anos serão difíceis, mas que sobreviveremos. Leitores ou escritores, sobreviveremos ao caos da indústria, às regras de marketing, à voracidade empresarial, aos ditames das modas, aos novos estímulos que parecem afastar-nos do livro, apesar dos números que o mercado manipula.

Estou a chegar ao fim, mas façamos uma sùmula. A escola prepara mal os alunos. Os liceus preparam mal os alunos. A universidade

prepara mal os alunos. Não só em Espanha, como em todo o mundo. Os idealistas europeus do século XIX, defensores do ensino público, afirmavam que abrir uma escola significava fechar uma prisão. Era tão-só uma boa ideia – puro idealismo – porque não só não se fecham prisões, como há cada vez mais. Mas, dizia eu, a escola ensina mal e por isso existe um grande número de pessoas que carrega às costas essa espécie de rótulo invisível que é o analfabetismo funcional. São pessoas com problemas gravíssimos, porque o analfabeto funcional é aquele que, depois de estudar na escola ou até mesmo na universidade, não faz uso daquilo que aprendeu. E se vai convertendo pouco a pouco – ou muito rapidamente – num analfabeto, porque não exerce a função para a qual fora educado, e isto pode ter consequências tremendas, inclusivamente para a própria democracia. Porque, se uma pessoa não compreende o que lê, como poderá ler o programa eleitoral do partido em que vai votar? Com que consciência poderá dizer «Vou votar sabendo exatamente aquilo que estou a fazer»? E é por isso que é muito importante ler o que se escreve, inclusive para encontrar as contradições entre o que se disse ontem e o que se diz hoje. Mesmo que atualmente pareça interessar mais que o leitor não possa fazer uma reflexão sobre as propostas concretas do seu partido, porque o que conta não é o conteúdo, mas sim a imagem. A imagem pode dizer-nos a verdade ou mentir-nos. Ensinar-nos há muito que uma imagem vale mais do que mil palavras. Acho que não, não é correto. As palavras são sempre necessárias. E se quisermos um exemplo muito atual da necessidade da palavra para dizer aquilo que a imagem não expressa, temos a guerra da Jugoslávia. Não nos faltam imagens. Por vezes até assistimos em direto à explosão de bombas. Tudo perfeito. Tudo muito asséptico. O que ali se está a passar mais parece um jogo de computador do que a atroz realidade. E é por esta razão que as palavras são necessárias para dizer aquilo que a imagem muitas vezes oculta.

Chegados a este ponto – e com todo o respeito que a televisão merece – deve ser dito que a televisão, com o seu bombardeamento sistemático de imagens, não substitui a letra impressa, apesar de ter inúmeros adeptos e viciados. A chave reside no facto de não ser preciso fazer qualquer esforço para se estar quatro horas diante de uma televisão. De todo. Sentamo-nos no sofá e já está. Mas, ao invés, para ler é preciso esforço. Ler é que é mesmo uma batalha. Ler é um encontro. Ler é um autêntico diálogo entre a minha sensibilidade e o meu pensamento e a sensibilidade e o pensamento do escritor. Ler é uma relação.

O presente texto pretende ser a fiel transcrição do discurso proferido por José Saramago no chuvoso dia 19 de maio de 1999, como Manifesto da XVI Feira do Livro de Granada.

Agradecimentos:

Fidel Villar Ribot

Porto Editora

